



## **Televisão e Infância: um breve estudo de recepção entre crianças do meio urbano e rural em Breves-Marajó-Pará<sup>1</sup>**

Ronaldo de Oliveira Rodrigues<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Pará, PA

**RESUMO:** Este artigo discute a relação televisão e infância a partir de um breve estudo de recepção comparativo entre crianças de zona urbana e zona rural (na Ilha de Marajó) e suas preferências em relação aos desenhos animados da programação da TV aberta. Tem por objetivo mostrar como os programas infantis veiculados na TV aberta contribuem para a constituição do imaginário infantil. Para isso se faz algumas reflexões teóricas sobre a televisão e utiliza-se dados de uma pesquisa com as próprias crianças para embasar as discussões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Televisão, Infância, Desenhos Animados.

### **1. Introdução**

Neste artigo busca-se refletir acerca das preferências de crianças da Zona Rural (ZR) e da Zona Urbana (ZU) em assistir desenhos animados. É baseado em depoimentos de meninos e meninas na faixa etária dos 9/10 anos. O *corpus* que serviu como elemento de análise foi o depoimento de 16 crianças (sendo 08 de crianças da ZU e 08 da ZR), que foram selecionados do conjunto de dados colhidos por uma pesquisa de campo desenvolvida na Comunidade São Pedro, zona rural, em Breves-Marajó-Pará e em duas escolas (ambas públicas) situadas na zona urbana do mesmo município, com o objetivo de entender a complexidade da relação da criança com a TV e seus arrolamentos diante da dimensão espaço/tempo.

Um argumento significativo para a realização deste trabalho é que segundo Duarte (2008, p. 18)

São os membros mais jovens de nossa sociedade que se relacionam de modo mais intenso e extenso com a produção audiovisual realizada para cinema e televisão, o que, provavelmente tem relação com o fato de, no Brasil, o tempo de permanência na escola ainda ser inferior ao desejável e onde atividades culturais e esportivas são, em geral, restritas a classe de maior poder aquisitivo.

Há inclusive estimativas do Ibope que apontam que os espectadores de 08 a 14 anos representam o maior percentual do público das telenovelas, incluindo, as exibidas em horário

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Mestrando em Ciências da Comunicação do Programa Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará-UFGPA, email: rrodrigues@ufpa.br.



nobre (DUARTE, 2008, p.17). Esta informação já representa muito para a justificativa de um estudo que tenha como foco a recepção do público infantil.

Neste trabalho parte-se do princípio de que a criança é capaz de produzir sentidos acerca do conteúdo veiculado pela televisão, bem como de ressignificar sua linguagem e cultura a partir das relações com as mídias e isto não significa, necessariamente, perder o sentido da infância.

No primeiro tópico propõe-se uma discussão teórica acerca dos paradoxos existentes diante da relação televisão e infância, destacando autores de linhas opostas em um debate que traz concepções bastante pertinentes sobre o tema.

No segundo tópico traz-se os dados da pesquisa de campo para aprofundar a discussão já iniciada e problematizar algumas situações encontradas. Aproveita-se para utilizar os depoimentos das crianças e travar as discussões sobre questões como o tempo que as mesmas passam diante da televisão, questões de gênero, o sentido do tradicional e do moderno em relação aos desenhos infantis e ainda a televisão como elemento que integra públicos, independentemente da dimensão espaço/tempo.

## **2. Pontos e Contrapontos acerca da relação Televisão e Infância**

Ao longo de uma trajetória de pouco mais de seis décadas, muito já se discutiu sobre televisão. Ainda assim é preciso reconhecer os paradoxos que permeiam a presença deste meio de comunicação na sociedade atual. De um lado aqueles que veem o perigo de apertar o botão “ON” e ligar a “telinha”. De outro aqueles que acreditam que deixar ela em modo “OFF” é perder um importante mecanismo de contribuição para um pensamento mais crítico, uma vez que não se recebe passivamente as mensagens.

Antes de avançar para a discussão sobre os dois eixos de polarização, aqui estabelecidos, vale lembrar que, nesta sociedade altamente midiaticizada, os meios de comunicação são veículos que contribuem de maneira significativa para a formação da opinião pública, e neste aspecto a televisão se destaca. Se por um lado ela não é mais a rainha desta multimídia, por outro, é o meio de comunicação mais presente nos lares brasileiros<sup>3</sup>.

Em seu *Homo Videns*, Giovanni Sartori fala dos malefícios da primazia da imagem. Neste sentido o *vídeo viver* está transformando o *homo sapiens* em *homo videns* e para tanto a

---

<sup>3</sup> Segundo dados do IBGE (2009) 95,1% dos brasileiros possuíam pelo menos um aparelho de TV em casa. Para Duarte(2008) são cerca de 98% dos brasileiros que dispõem deste meio de comunicação.



imagem é a principal responsável. Para o autor, a “geração televisiva” sofre uma mutação de sua natureza em função do que a televisão promove. Ele considera que

Na televisão o fato de ver predomina sobre o falar, no sentido que a voz ao vivo, ou de um locutor, é secundária, pois está em função da imagem e comenta a imagem. É por causa disso que o telespectador passa a ser mais um animal vidente do que um animal simbólico. (SARTORI, 2001, p.15)

À medida então que o homem volta a ser mais vidente ele retrocede em sua capacidade intelectual, dando valor ao imediato, atrofiando, assim, sua capacidade de entendimento, compreensão e discernimento das coisas e dos fatos, pois o deslocamento do contexto da palavra para o contexto da imagem (o que modifica a natureza da própria comunicação) retira do homem sua subjetividade, o que o leva a ser um sujeito inferior simbolicamente.

Em função de questões como esta é que o autor pondera que a televisão derruba a relação entre o ver e o entender e que o problema se inicia desde a base, em que a família está deixando que a televisão se torne a primeira escola da criança (que inclusive é divertida, em relação à enfadonha escola formal).

Um dos cerne para a sedimentação da opinião de Sartori é que as crianças ficam horas diante da TV, antes mesmo de aprenderem a ler e a escrever e que tal fato incita a criança à violência, tornando-a um adulto mais violento. Para ele o ser que não lê (e que é surdo e/ou cego diante do saber transmitido pela cultura escrita) é fruto desta geração e, por isso, torna-se um adulto quase que exclusivamente audiovisual. Logo, um ser atrofiado culturalmente para o resto da vida.

Em uma linha de pensamento não distante e temporalmente anterior aos escritos de Sartori está Neil Postman. Em seu livro “O desaparecimento da Infância” o autor faz uma trajetória explicando como a mídia causa a expulsão da infância depois de uma longa permanência na civilização ocidental. Para o autor há várias evidências que levam a este desaparecimento

Há, por exemplo, a evidência fornecida pelos próprios meios de comunicação, pois eles não só promovem a desmontagem da infância valendo-se da forma e do contexto que lhes são peculiares, mas também refletem esse declínio em seu conteúdo. Há evidência a ser observada na fusão do gosto e estilo de crianças e adultos assim como nas mutáveis perspectivas de instituições sociais importantes como o direito, as escolas e os esportes. E há evidência do tipo “pesado” - cifras sobre alcoolismo, uso de drogas, atividade sexual, criminalidade, etc - que implica uma declinante distinção entre infância e idade adulta (POSTMAN, 1999, p. 134)



Neste sentido a televisão, que coloca adultos e crianças em pé de igualdade, perante as imagens veiculadas, contribui para a decaída do sentido de infância, uma vez que não pode existir de forma concreta algo como infância se a TV não segrega seu público.

Para Postman a espetacularização e a banalização dos conteúdos são características inerentes à televisão, que contribuem para sua natureza maléfica, recaindo, por exemplo, na impossibilidade de tratar coisas sérias com a seriedade da qual se necessita.

Por outro lado, de acordo com os Estudos Culturais tem-se a contraposição em relação a visão reprodutivista e influente dos meios de comunicação. É uma visão que defende que o cidadão também é capaz de produzir cultura a partir das mensagens que nele chegam. Neste sentido serão utilizados, Guilherme Orózco Gomez, Martín-Barbero e o conceito de mediações<sup>4</sup>.

Partindo desses teóricos parece ser saudosista a ideia do saber apenas atrelada ao campo da escrita. Da mesma forma, retirar do espectador a capacidade de problematizar o que acompanha diante da TV é pensar um ser humano, não raramente, incapaz de fazer associações ou reflexões acerca do que está presenciando neste meio de comunicação.

Martín-Barbero defende a televisão como um grande objeto de estudo da cultura, pois para ele

... o que está mudando não se situa no âmbito da política, mas no da cultura, e não entendida aristocraticamente, mas com “os códigos de conduta” de um grupo ou de um povo. É todo o processo de socialização que está se transformando pela raiz ao trocar o lugar de onde se mudam os estilos de vida. Hoje essa função mediadora é realizada pelos meios de comunicação de massa. Nem a família, nem a escola - velhos redutos das ideologias - são já o espaço chave da socialização, “os mentores da nova conduta são os filmes, a televisão, a publicidade”. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.58)

Baseado neste pressuposto é que Barbero propõe a dimensão da TV como um meio aberto à diversidade cultural e chama atenção para um modelo e/ou programa educativo que incorpore a leitura dos meios de comunicação de maneira recorrente na escola, para que se possa, de fato, aproveitar o verdadeiro potencial pedagógico destes meios.

Não distante desta concepção está Gómez ratificando a dimensão da audiência crítica, a necessidade de transcender a condição de meros espectadores, construindo interlocução, pois não há como aceitar na atual conjuntura, apenas uma instituição responsável pela

---

<sup>4</sup> O que Martín-Barbero começou a nomear de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio (Comunicação e mediação culturais - Diálogos Midiológicos. Revista Brasileira de Comunicação, 2000, p.154)



construção do saber, de opinião ou formação, ou seja, já não há como considerar um único discurso como detentor do poder<sup>5</sup>.

Outra questão a se considerar é que desde que se iniciam as divergências conceituais entre ter infância e ser criança<sup>6</sup>, o desvendamento do mundo (considera-se aqui a família, escola, relações sociais e históricas, por exemplo) para esta última está atrelado a esfera do lúdico e historicamente é atuando neste espaço que a criança passa a tomar consciência das suas intervenções e a ressignificar o lugar social que ocupa.

Os textos midiáticos são carregados de sentidos e, de certa maneira, atendem a interesses preestabelecidos. Dessa forma se reconhece que é impossível falar de uma audiência<sup>7</sup> extremamente livre. Contudo, comunga-se com Silverstone (1994, p. 255) quando ele diz que “não existe prática passiva de ver televisão (...) Podemos afirmar que ver televisão oferece diferentes coisas, diferentes experiências, a diferentes espectadores<sup>8</sup>”

Para Moreno (1992) a TV é o meio de comunicação preferido pelas crianças (88%). Talvez hoje este percentual não seja tão expressivo, já que a internet e/ou outros meios parecem ocupar uma boa parte do tempo de muitas crianças. Porém, a TV ainda é o meio mais presente nos lares brasileiros, como já mencionado anteriormente.

Para Postman a televisão tem ocupado tempo e espaços centrais tanto na vida da criança quanto na vida do adulto e, conseqüentemente, acaba por ocupar um lugar cada vez mais vazio: o do diálogo. Porém, há aqueles que podem defender a seguinte proposição: por que dialogar se a televisão oferece respostas para perguntas que nem chegaram a ser feitas? – já que fala a todos e sobre todos os temas.

Em relação a crítica de Postman, ao afirmar que com a maciça presença da televisão na vida cotidiana das pessoas o quadro da relação criança/adulto foi significativamente alterado e que a partir dela a criança deixa de reconhecer no adulto uma referência para a busca de respostas; deve se pensar, antes, que a figura do adulto não deixa ou passa a ser referência simplesmente pelo fato de a criança ter acesso a muitas informações na televisão (é claro que isto não é desprezível), mas sim também está relacionado à postura, comportamento, atitudes deste adulto em relação aos mesmos componentes na criança.

<sup>5</sup> Para Foucault (1979) o poder não se manifesta de maneira explícita e direcionada, mas a partir de mecanismos disciplinadores. O poder se exerce ou se pratica. Foucault desloca o espaço do poder da centralidade do estado e o caracteriza em níveis variados e diferentes pontos da rede social, considerando, inclusive, os micro-poderes.

<sup>6</sup> Questões muito bem trabalhadas no documentário “A invenção da infância” (2000) dirigido por Liliana Sulzbach. Duração: 26 min.

<sup>7</sup> Roger Silverstone (1994) discute a questão da audiência, trazendo a compreensão de que falar de audiência ativa é quase uma redundância, já que este conceito pressupõe, em si, algum grau de atividade na relação com o meio, mesmo que não se possa definir exatamente o que significa atividade neste contexto.

<sup>8</sup> Tradução própria para “No existe la practica passiva de ver televisión (...) Podemos afirmar que ver televisión ofrece diferentes cosas, diferentes experiencias, a diferentes espectadores. (p.255)



É preciso levantar tal questionamento: basta a televisão e temos o agente responsável para que adultos e crianças estejam em situação de igualdade? Acredita-se que não. É certo que quando Postman faz suas inferências sobre o tema ele vive um momento de entristecimento, escandalização e por que não dizer revolta diante de aspectos com a erotização precoce e, aos poucos, o desaparecimento das famosas brincadeiras de época, que constituíam o então imaginário da cultura infantil. Alia-se a isto o próprio fato de pensar que a violência e/ou a criminalidade passaram a ser cada vez mais praticadas por pessoas cada vez mais jovens.

E o lugar da “lenta preparação para a suposta vida produtiva”? (CASTRO, 1998, p.35) como problematiza a psicologia em relação ao conceito de infância. Seria então possível pensar que a televisão é este mau necessário, responsável pela aceleração do crescimento da criança e que os adultos fingem que não enxergam esta realidade?

Por estas e outras questões a relação criança/TV se encontra no cerne da cena, exigindo estudos em forma de espiral, que partem de um campo e neste não pode ser concluído, dada a necessidade de beber em outras fontes, como por exemplo, na educação, comunicação, sociologia, antropologia, psicologia e outras.

Antes de avançar para o outro tópico é necessário lembrar de um elemento fundamental: o de que a criança é produtora de sentidos, já que ela percebe à sua maneira o conteúdo da mensagem recebida. Imagine uma criança que dependesse unicamente dos mais velhos para tecer seus saberes acerca dos desenhos animados? Nestes espaços e momentos atuais, de ausência de diálogo, como diz Postman, ela estaria compondo sua formação a partir de quê?

O espaço da interação<sup>9</sup> é fundamental e é ele quem vai dar subsídios para que aos poucos a criança possa construir concepções diante do que lhe rodeia. Seja criança ou adulto há uma construção de sentidos que se implicam reciprocamente, já que é impossível compreender de maneira isolada as projeções de um e os desígnios de outro. É importante que desde a infância o máximo de condições sejam dadas às crianças, no que diz respeito, às possibilidades de refletir sobre as mais diversas situações do cotidiano, para que ela possa fazer suas próprias interpretações acerca da realidade.

---

<sup>9</sup> Segundo Vygotsky (apud BOCK *et al.*, 2001) as crianças, desde o nascimento, estão em constante interação com os adultos, que ativamente procuram incorporá-las a suas relações e a sua cultura. No início, as respostas das crianças são dominadas por processos naturais, especialmente aqueles proporcionados pela herança biológica. É através da mediação dos adultos que os processos psicológicos mais complexos tomam forma. Inicialmente, esses processos são intersíquicos (partilhados entre pessoas), isto é, só podem funcionar durante a interação das crianças com os adultos. À medida que a criança cresce, os processos acabam por ser executados dentro das próprias crianças - intrapsíquicos.

### 3. Estudo comparativo de recepção: crianças do meio urbano e do meio rural

Gómez (1991) considera que muitos estudos, focalizados na ideia de recepção passiva, desaprovam a televisão por subordinar culturalmente a criança, tendo na proibição ou no controle dos programas a única forma de defender a infância contra os perigos desse meio de comunicação. Ressalta-se que não é esta a linha deste estudo, pois a concepção que embasa a discussão aqui proposta é de que os receptores não são meros espectadores do processo comunicativo.

Para situar o debate com relação ao que nos interessa evidenciar, coloca-se em discussão neste texto as percepções acerca do binômio criança/televisão, com algumas falas de meninas e meninos, tanto da zona rural quanto urbana, sobre sua preferência em relação aos desenhos animados.

A aproximação para a conversa com as crianças da Zona Rural se deu em momentos de aula na escola, no momento do intervalo (com um grupo de quatro crianças) e no momento após a aula (outras quatro crianças).

Já com as crianças de Zona Urbana, marcou-se com algumas o horário inverso ao que estudam. Solicitou-se ajuda de dois professores para que selecionasse aleatoriamente, cada um, um grupo de quatro crianças de sua turma, com idade de 9 ou 10 anos, sendo que o critério básico era possuir TV aberta e não ter acesso domiciliar a TV a cabo.

De maneira geral também houve a preocupação em manter a mesma quantidade de meninos e meninas em cada grupo de crianças, ou seja, das 8 crianças da ZR, 4 eram meninas e 4 meninos; a mesma dinâmica se deu com as crianças da ZU.

Primeiramente vale dizer que as crianças da zona rural (com confirmação dos pais) declararam passar em média 4 a 5 horas diárias na frente da TV. Chamou atenção o caso de duas crianças que passam, em média, 6 horas diárias na frente da TV, o que equivale a 42 horas semanais. Isso significa que se esta média for mantida, aos 40 anos de idade, fazendo uma contagem do tempo de forma direta, este cidadão<sup>10</sup> terá passado 10 anos de sua vida somente na frente da televisão e menos de 5 anos na escola (isso ao considerarmos apenas os 5 dias letivos e se a carga horária de 4 horas seja cumprida efetivamente todos os dias).

A informação, ora apresentada, em termos quantitativos, é válida para que se possa ter a dimensão do tempo destinado a TV em uma comunidade rural, em que o principal veículo

---

<sup>10</sup> Para um cidadão adulto (especificamente da zona urbana), que, provavelmente, trabalhará em média 08 horas diárias, é quase um absurdo pensar que o mesmo assistirá a 06 horas diárias de televisão, porém para o cidadão da zona urbana é um pouco mais provável que aconteça, dada as especificidades de seus hábitos cotidianos, como por exemplo, o fato de às vezes chegar cedo em casa se conseguiu a caça e garantiu o alimento do dia.



de comunicação é a televisão. O dado também serve para fazer um confronto com a afirmação de Pindado (1996) que diz que ver televisão é a atividade mais frequente, depois de dormir e frequentar a escola.

O confronto a que se refere a afirmação acima é justamente que para aquelas crianças o “ver televisão” em termos temporais, pode estar acima do “frequentar escola”. É claro que outros fatores deveriam ser levados em consideração, tais como a verificação se os professores (na escola) de alguma maneira aproveitam o que as crianças vêem na TV, ou ainda como os pais e/ou responsáveis consideram esta programação e/ou ainda percebem as possibilidades e limites dos usos da TV para a criança. Contudo estes outros aspectos já serviriam para a constituição de uma nova pesquisa.

Pindado (1996) também menciona que, quando se vê televisão, retém-se um conjunto de gestos, comportamentos, movimentos e até mesmo formas de falar de certos personagens. Neste aspecto nada se questiona, até porque este conjunto irá repercutir no marco das suas relações sociais e em diversos espaços, o que ele chama de espaços sócio-ecológicos interrelacionados, como a família, os amigos ou a escola.

Em relação a esta questão vale lembrar que as crianças do meio rural ficavam muito mais exitosas em falar o nome dos desenhos, sendo que o ato de enunciar o nome dos mesmos era, na maioria das vezes, acompanhado de gestos que de alguma maneira os fazia “incorporar” o desenho.

As crianças da zona urbana passam em média de 3 a 4 horas em frente a TV. Contudo fazem uso de outros elementos como o do computador e internet, por exemplo, mas não é foco deste trabalho explorar as relações da criança com estes outros meios.

Em relação ao tempo em frente a telinha vários estudos poderiam ser considerados, principalmente os que atacam esta situação; estudos que vão desde problemas de ordem biológica, como o estudo australiano que revela que “crianças que passam muito tempo em frente à TV têm vasos sanguíneos mais estreitos nos olhos”<sup>11</sup>, passando por aqueles de ordem psicológica, como o estudo britânico que revela que “crianças que passam muito tempo na frente da televisão ou do computador têm mais problemas psicológicos”<sup>12</sup>, e os que chegam a afirmar o desastre gerado na escola e no aspecto cognitivo em geral, como o estudo canadense que diz que “assistir televisão prejudica o desenvolvimento cognitivo”<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Cf <http://br.rss.news.yahoo.com/s/05052011/84/mundo-estudo-revela-criancas-passam-frente.html> (05/05/2011)

<sup>12</sup> Cf <http://oglobo.globo.com/vivermelhor/mat/2010/10/11/criancas-que-passam-muito-tempo-na-frente-da-televisao-ou-do-computador-tem-mais-problemas-psicologicos-922760538.asp> (11/10/2010)

<sup>13</sup> Cf <http://equipromanna.wordpress.com/2010/05/26/pesquisa-com-mais-de-mil-criancas-mostra-que-assistir-a-televisao-emburrece/> (26/05/2010)



Ainda em relação a este tempo diante da TV poderia fazer alguns questionamentos tais como qual o limite do ver televisão? Como mensurar em “x” horas a possibilidade de um sujeito ver TV ou não? Em que medida a proibição do ato de ver televisão contribui para o amadurecimento crítico-reflexivo acerca da sociedade e do conhecimento? Seria a TV um mal necessário?

Seria demagógico ou plenamente correto concordar com o governo francês que proíbe crianças com menos de 3 anos de idade assistirem TV ou a própria Austrália que recomenda que as crianças entre 3 a 5 anos não assistam mais de uma hora por dia<sup>14</sup>?

Outra situação a ser destacada é quanto aos fatores explícitos relacionados à questão de gênero. Nos depoimentos, tanto das crianças da zona rural quanto das crianças da zona urbana fica claro que suas preferências televisivas a respeito do desenho animado tem a ver com a ideia de gênero transmitida pelas pessoas mais velhas, ou seja, é comum que os meninos gostem de desenhos com perfis masculinos e as meninas exatamente o contrário, porém na zona rural isto é ainda mais forte.

Uma explicação possível seria justamente de que ali ainda pode estar impregnada a ideia tradicional de gênero, o que limita esta visão à noção de sexo biológico. Com isso, a herança cultural de interpretação (que ainda conta de maneira sobrepujante) está atrelada ao fato de o homem ter que trabalhar, ser durão, resistente e a mulher, por outro lado, cuidar das coisas de casa e ser mais sensível.

Ainda assim é pertinente lembrar que as discussões trazidas pela própria televisão contribuem para que o gênero seja compreendido como um aspecto da identidade, e é construído social e culturalmente através de interações e práticas sociais (SEVERO, 2006), e justamente pelo fato da mensagem televisiva não reinar de forma plena, sem antes ser processada e ressignificada pelo espectador é que não se pode dizer que esta concepção predomina reina de forma única.

Em relação a esta questão tem-se um exemplo quando Antônio Lucas (ZR-09 anos) diz que gostava muito de assistir “menina superpoderosa” (porque na verdade a irmã de 07 anos assistia) e então, como apenas tem um aparelho de TV em casa, a mãe dava preferência a ela e ele acabava sendo obrigado a acompanhar. Contudo isto aconteceu até que o pai (que neste horário normalmente não está em casa) descobrisse e invertesse as “regras do jogo”.

Para melhor entendimento segue a descrição das crianças<sup>15</sup> e suas preferências no que se refere aos desenhos animados.

---

<sup>14</sup> Informações com base no estudo “Assistir Televisão prejudica o desenvolvimento cognitivo” citado na página anterior.

<sup>15</sup> Os pais das crianças permitiram a inserção dos nomes das mesmas no texto.



Nome	Sexo	Idade	Desenho	Emissora
Matheus Vinícius	M	09	Ben 10	SBT
Paulo Gabriel	M	10	Naruto	SBT
Maria Fernanda	F	09	Menina Super poderosa	Globo
Paula Gabrielly	F	09	Chaves	SBT
Rian Sena	M	09	Ben 10	SBT
Felipe Paes	M	10	X-men	SBT
Luana Carla	F	10	Chaves	SBT
Emilly Pinheiro	F	09	Chaves	SBT

Tabela 1- Crianças da zona urbana

Nome	Sexo	Idade	Desenho	Emissora
Antônio Lucas	M	09	Ben 10	SBT
Silvio Lucena	M	10	Ben 10	SBT
Glória Menezes	F	09	Chaves	Globo
Heitor Costa	F	09	Ben 10	SBT
João Victor	M	09	Ben 10	SBT
Josefa Lourdes	M	10	Menina Super poderosa	Globo
Maria Clara	F	10	Menina Super poderosa	Globo
Maria Roberta	F	09	Chaves	SBT

Tabela 2 - Criança da zona rural

Em relação a estas preferências algumas questões precisam ser consideradas. Entre os meninos 75% afirma que o desenho preferido é o Ben 10. Uma primeira observação a ser feita é que este desenho tem como personagem principal uma criança de 10 anos (Ben).

Há, principalmente, na escola da zona rural, algumas referências a este desenho. Personagens como Vilgax (pior inimigo de Ben) e Max (avô de Ben e um dos maiores heróis da série), por exemplo, são apelidos de meninos por lá. É interessante perceber a fala de Silvio em uma brincadeira no intervalo de aula (ZR-10 anos) “Já falei para a professora que se ela deixar o Vilgax falar as palavras do ditado para nós, então todo mundo vai tá ferrado, porque ele é mal e só vai trazer palavras difíceis”.

Silvio refere-se a uma atividade que sua professora solicita dos alunos em aulas de Português. A cada dia de aula desta disciplina um dos alunos fica encarregado de pedir aos colegas que escrevam algumas palavras do ditado<sup>16</sup>, em complemento às já faladas pela professora.

A associação feita é interessante, uma vez que nos permite compreender claramente a função do personagem. Percebe-se também como eles utilizam palavras<sup>17</sup> do desenho para identificar objetos, situações, fazer comparações, explicar cenas e outras coisas mais.

<sup>16</sup> Atividade didática em que a professora apenas fala a palavra para que os alunos escrevam (em seguida deve haver a correção para todos os alunos confirmarem ou não seus acertos e erros)

<sup>17</sup> São exemplos: alienígena, poder, criatura, mestre de magia.



O maior exemplo do uso desse desenho na observação realizada foi uma brincadeira em que os meninos ao correr ou ficarem estáticos, mencionavam frases como “estou em modo vermelho”; “agora eu estou cinza”, “estou branco”. Na verdade eles estavam brincando do que eles chamam de “pira-pegas e ajuda”, mas quando se procurou saber o que significam as cores constatou-se que estas são analogias feitas às cores do relógio do Ben, o que indica se ele precisa de um tempo para carregar, desativado ou transformado.

Já entre as meninas 62,5% preferem Chaves. Impressiona o fato de perceber que praticamente todos os personagens de Chaves estão presentes como apelidos das crianças, tanto na zona rural quanto na zona urbana. Isto satisfaz a alguns, que em momentos específicos chegar a imitar os personagens (Chaves, Quico, por exemplo), e aborrece aos outros, que não gostam de ser comparados a características de determinadas personagens (Nhonho, D. Clotilde, por exemplo).

De maneira geral observa-se que apenas um desenho não coincide em relação às preferências das crianças. Isso nos permite afirmar que o imaginário delas está permeado por gestos, falas, sonoridades, imagens que são comuns, mesmo havendo um nítido hiato espacial.

Antes de avançar para outras considerações vale lembrar que atualmente<sup>18</sup> a grade de programação da Rede Globo tem exatamente 1h e 25min de tempo dedicado aos desenhos animados (10:40h às 12:05h) enquanto a SBT apresenta uma grade bem mais extensa (07:00 às 13:45), considerando nesta grade, Chapolin e Chaves, ou seja, são 06h e 45 min de programação destinado ao público infantil, de acordo com o site da emissora.

Uma outra questão é o conceito de tradicional e moderno que está implícito na preferência por desenhos atuais e pelo escárnio em relação a desenhos antigos.

Felipe (ZU-10 anos) diz que ao ver seu pai falar em “Caverna do Dragão” ele ficava muito curioso em saber como era, porém quando assistiu a alguns episódios achou “muito repetida a história, porque os personagens nunca saem do reino do vingador”. Algo semelhante também é explicitado nos seguintes depoimentos:

Os desenhos do tempo do papai, ele fala pra nós, só que é ruim porque a gente não pode assistir... é pior ainda porque ele só diz que esse desenhos de hoje não são legais, mas ele nunca pára para assistir com a gente. (Rian ZU-09 anos)

O papai fala que os desenhos de hoje não são bacanas porque é tudo robzinho em movimento e antes eram pessoas mesmo que faziam os desenhos. Ele assiste com a gente, mas nunca o desenho inteiro, ele sempre vai mostrando porque que os desenhos de hoje são piores (João Victor-ZR-09 anos)

<sup>18</sup> Consulta feita nos dias 15/06 e 27/06. Sites: [redeglobo.globo.com/programacao.html](http://redeglobo.globo.com/programacao.html) e <http://www.sbt.com.br/programacao>



O interessante a considerar é que tanto as crianças da zona rural quanto da zona urbana faziam referências ao fato de que os pais ou pessoas “mais velhas” de alguma maneira enfatizavam que desenho bom era o desenho de seus tempos e não os de hoje, embora as próprias crianças pensem algo semelhante aos adultos, como na fala de Silvio (ZR-10 anos) “os adultos só sabem dos desenhos da época deles e eles não gostam mais de desenhos porque agora são grandes”.

Parte-se do princípio que não se pode tentar equiparar as gerações, porque de certa forma a mídia também reflete os hábitos, costumes e contexto de um determinado momento histórico. Neste sentido é que se ratifica que a enunciação nunca se interrompe, e por isso, é um ato único<sup>19</sup> (BAKHTIN,1995), que é acompanhado de suas várias condições de produção em dado contexto.

Em relação aos depoimentos anteriores há também que se considerar o tempo de participação dos adultos diante da exposição das crianças à TV. Conforme descrito, a criança da Zona Urbana menciona que o pai critica o desenho da atual grade de programação, contudo nunca assiste o mesmo.

Por outro lado a criança de zona rural confirma que o pai de vez em quando assiste junto a ela o desenho e aproveita para mostrar porque este não é interessante. Neste caso destaca-se a alegação, por parte do pai, da presença do humano nos desenhos, já que ele afirma que hoje os desenhos são mais efeitos, animações e menos próximos da realidade.

Acredita-se que é um argumento interessante, porém não determinante. Apenas mostra-se que o pai escolheu um elemento para fazer sua análise sobre o desenho e desqualificar o mesmo, até porque os “encantos” sobre os desenhos atuais nunca serão tal qual os de sua época, por uma série de fatores, entre os quais destaca-se a função psicológica de representação<sup>20</sup> e as metáforas realizadas pelo espectador diante do objeto analisado (GOMBRICH, 1999)

Diante do exposto aproveita-se para enfatizar que alguns momentos históricos são marcantes no que concerne a relação televisão e criança. Houve uma primeira fase (anos 1960) em que a criança deixou de ser apenas espectador e passou a ser também protagonista dos programas exibidos. Um segundo momento (anos 1980) diz respeito a mudança de conceito de programa infantil, não mais pautado em histórias da literatura ou em apresentações artísticas, mas em animação e gincanas, bem como um mercado de produtos

---

<sup>19</sup> Quantas forem as pessoas a pronunciar a palavra *ráduga*, quantos serão os “a” particulares desta palavra (ainda que o ouvido não queira nem possa captar esta particularidade). p.77

<sup>20</sup> Exemplos: a professora pode assumir o lugar da mãe; todo objeto cavalgável serve de cavalo. Na linguagem da criança a fantasia é mais repleta destas possibilidades.



vinculados aos programas e à figura das apresentadoras (como por exemplo as bonecas), e ainda, mais recentemente, um terceiro momento, que está ligado ao surgimento de emissoras de televisão especificamente dedicados ao público infantil (todas de canais por assinatura). (PEREIRA, 2002, p. 89)

De certa forma o segundo momento histórico dessa evolução ainda é o mais pertinente para a realidade do estudo realizado, uma vez que as crianças entrevistadas tanto na zona rural e urbana não tem acesso a TV por assinatura em casa e este foi um dos critérios para a realização dos diálogos estabelecidos, no sentido de permitir a comparação.

Por fim há que considerar a similaridade, a congruência em relação às preferências pelos desenhos animados, tanto das crianças de zona rural quanto da zona urbana. Pois apesar das peculiaridades de cada ambiente e de um contexto típico de suas especificidades as crianças apresentam preferências similares, inclusive sendo os mesmos desenhos mencionados várias vezes.

Daí é possível afirmar que a televisão atua como elemento que interliga as diversas populações, sejam elas rurais ou urbanas, ricas ou pobres, e ainda que as várias leituras feitas acerca do mesmo conteúdo diante da televisão é que possibilitam uma compreensão mais completa das percepções e preferências do público infantil em relação aos desenhos animados.

#### **4. Considerações Finais**

Ao tratar dos pontos e contrapontos da televisão a intenção foi justamente elencar grandes teóricos que se posicionam de maneira oposta diante da temática. O que mostra que a TV tem uma discussão muito peculiar, principalmente, no que diz respeito à sua relação com o público infantil.

Diante das reflexões tratadas neste trabalho, é possível afirmar que há quatro pontos fundamentais que precisam ser considerados aqui. Primeiro o fato de que as crianças da zona rural, em média, passam bem mais horas diante da TV, que as crianças da zona urbana.

Este fato deve estar ligado a alguns fatores como: na comunidade as crianças não tem possibilidades para sair, por exemplo, a um passeio na praça, com os pais ou ir até a orla da cidade e coisas desse tipo; não se tem acesso a outros meios como computador, internet, celular (é comum que na comunidade somente adultos – e bem poucos – façam usufruto deste último). Já as crianças da cidade, além de ter acesso a outros meios, tem outros locais para frequentar e também passam mais tempo na escola.



Um outro ponto a ser considerado é a forte presença da discriminação de gênero na comunidade rural. Ainda é bastante intensa a questão de que existem desenhos para meninos e outros para meninas. Como já discutido no desenvolvimento deste trabalho, essa situação está relacionada à concepção ainda tradicional de gênero e a uma visão mais fechada às discussões atuais.

Um terceiro ponto a ser discutido é o conceito de tradicional e o de moderno, na concepção das crianças, a partir dos desenhos animados. Ficou explícito que o moderno sempre tem mais atrativos e é bem mais empolgante. O tradicional, embora gere curiosidades, não é tão interessante assim, mesmo tendo a aprovação e defesa dos pais.

Em relação a esta questão o próprio ataque dos adultos ao considerar que os desenhos atuais não são bons como os de antigamente já geram um mecanismo de autodefesa nas crianças e elas parecem defender muito bem seu posicionamento, elaborando, inclusive, críticas, ao formato e roteiro dos desenhos antigos.

Para comentar do último ponto é preciso relacionar o elemento televisão ao imaginário infantil. Diante desta relação tem-se que há vários elementos que se constituem como mediadores de um imaginário coletivo. As brincadeiras, os gestos, expressões e movimentos corporais, sonoridades, são elementos comuns, nas crianças.

Impressiona o fato de ter percebido como as identificações das crianças são entrelaçadas à figura dos personagens dos desenhos animados. Mais que isso, como estes traços existentes nos conteúdos por ela acompanhados são ponto de equilíbrio para que se possa falar de uma simetria em termos dos diálogos e das interpretações que elas fazem principalmente quanto à opinião dos adultos.

Neste sentido vale fazer algumas outras ponderações. Primeiro, o imaginário tem forte relação com a cultura de um povo, e a partir do momento que se pensa a televisão enquanto um dos “fios” condutores de comportamentos e hábitos das pessoas, então a televisão é forte elemento e tem importância considerável para a construção, definição e redefinição do imaginário.

Segundo, fenômenos como a globalização e alta midiatização da sociedade trazem consigo “fios explicativos” que serão fundamentais para abandonar a ideia de uma concepção “purista” de imaginário. Assim, a introdução dos meios de comunicação, resguardadas suas formas de usos e apropriações, deverão ser elementos que definirão uma nova configuração ao imaginário, principalmente das comunidades com hábitos tradicionais (comuns na zona rural). Este fenômeno é bastante perceptível nas crianças da comunidade rural.



Terceiro, a televisão é o meio de comunicação mais presente nos lares brasileiros, e assim como as pessoas dos centros urbanos de qualquer local do país recebem informações a partir de canais abertos, os moradores de comunidades tradicionais também recebem. Então, não existe isolamento, do ponto de vista, dos processos comunicacionais. E o que será determinante é a importância que as mensagens veiculadas terão para a vida das pessoas.

### Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BOCK, Ana Mercês Bahia et all. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.
- CASTRO, L.R. (Org). **Infância e adolescência na cultura de consumo**. Rio de Janeiro: NAU, 1998.
- DUARTE, Rosária (Org.). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.
- GOMBRICH, Ennest Hans. **Meditações sobre um cavaleiro de pau e outros ensaios sobre a teoria da arte**. São Paulo. USP,1999.
- GOMEZ, G.O. **Mediaciones familiares y escolares en la recepción televisiva de los niños**. Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo,n. 64, p. 8-19, jan./jun. 1991.
- MARTÍN-BARBEIRO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. Traduzido por Ronaldo Polito e Sérgio Alcides.
- \_\_\_\_\_. **Comunicação e mediações culturais** (diálogos midiológicos-6). Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Vol. XXIII, nº 1, janeiro/junho de 2000.
- MORENO, L. K. **Televisão: a babá nossa de cada dia**. Jornal da USP, p. 6, 9/15 mar. 1992
- PEREIRA, Rita Ribes. **Infância, Televisão e Publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção**. Cadernos de Pesquisa, n.115, p. 235-264, março/2002
- PINDADO, J. **Adolescentes y televisión; La pantalla <amiga>**. Revista Comunicar, v.6.p.22-28. 1996.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- SARTORI, Giovanni. **Homo Videns: televisão e pós-pensamento**. Tradução de Antônio Angonense. Baurú,SP: EDUSC, 2002.
- SEVERO, Cristine Gorski. **O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança**. *Revista de Letras*(Curitiba), v. 8, p. 01-08, 2006.